

Interpretação e tradução: dois lados de uma mesma moeda?

Virgílio Pereira de Almeida (UCB)

Em *Sua Majestade, O Intérprete - O fascinante mundo da tradução simultânea*, o tradutor e intérprete Ewandro Magalhães Júnior narra em uma prosa leve, repleta de casos pitorescos, protagonizados pelo próprio autor ou por outros profissionais, as mazelas e alegrias desta profissão. O autor não tem a pretensão que seu livro se torne um manual do intérprete, pois sabe, e deixa claro em sua obra, que a interpretação, assim como a tradução, é um ofício onde se aprende mais na prática profissional do que em livros teóricos. O ilustre professor e tradutor Paulo Rónai, uma das vozes mais atuantes e lúcidas na área de tradução em nosso país, dizia que traduzir se aprende traduzindo. Magalhães, de certo modo, repete o mote quanto à interpretação, tendo ele mesmo iniciado a vida de intérprete sem preparação teórica para a tarefa. O que ele pretende com seu livro, portanto, é mostrar o caminho das pedras aos interessados em se tornar intérpretes, mas sem fórmulas miraculosas ou regras a serem obedecidas. O autor usa sua experiência de cerca de 6000 horas de trabalho para alertar os iniciantes sobre aspectos importantes a se considerar no ofício.

Sua majestade... faz parte da coleção Parábola Breve, da Parábola Editorial. O texto se divide em dezesseis capítulos curtos que o autor entremeia com vários casos relacionados ao mister de intérprete.

Magalhães inicia a obra esclarecendo a diferença entre tradutor e intérprete, evidenciando a vaidade de alguns profissionais que não admitem o título de tradutores, pois julgam ser a interpretação arte mais nobre do que a tradução. Magalhães relata

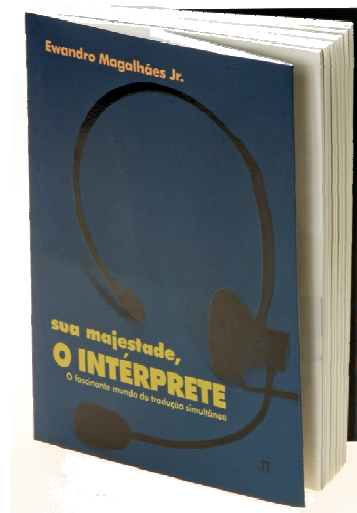


Foto: Andre Borges – Captura Núcleo de Fotografia

MAGALHAES JR., Ewandro. *Sua majestade, o intérprete – o fascinante mundo da tradução simultânea*. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2007, 231p.

diversos casos ilustrativos da arrogância e vaidade de alguns profissionais da área, a quem compara a pavões, que muitas vezes se julgam protagonistas de eventos que estão interpretando. Para o autor, o trabalho do intérprete é mesmo essencial, mas é apenas a ponte entre os verdadeiros atores no processo comunicativo.

A vaidade e o auto-conceito dos profissionais da interpretação, inclusive, foram responsáveis pela criação de uma associação profissional elitista e preconceituosa, segundo o autor, que impõe normas rígidas para a inclusão de novos membros, que acabam tendo que se submeter a parâmetros nada éticos em troca de uma aceitação no mercado de trabalho. A atuação da Associação, como descreve o autor, é marcada por um corporativismo sórdido que protege o mercado para os já associados, desqualificando o trabalho de outros profissionais, se este for o interesse da categoria. O autor reconhece a relevância do trabalho da Associação para o estabelecimento da interpretação como um ramo profissional, mas indica que elitizaram desnecessariamente a prática de trabalho. Os critérios de admissão, embora rigorosos, são parciais, deixando aos membros o poder de indicar e vetar novos associados. A situação chegou a tal ponto que um grupo de profissionais, reunidos em Brasília em 2003, decidiu pela publicação do que ficou conhecido como Manifesto dos Intérpretes do Brasil, que serviu de base para a fundação de uma nova associação, em 2005. Neste Manifesto, publicado em anexo do livro, os profissionais traçam objetivos para uma associação mais ética e agregadora.

Magalhães prossegue seu trabalho conceituando tipos diferentes de interpretação: a simultânea, a consecutiva e a “chuchotagem”, que é a que se faz sem equipamento, quando o intérprete sussurra sua versão a um grupo reduzido de ouvintes. Em cada modo de interpretação, o autor enumera as dificuldades que o intérprete encontrará pelo caminho. Um dos grandes desafios que o profissional deve vencer, segundo o autor, é a insegurança ao se deparar com o novo, o desconhecido. O controle da ansiedade é um dos fatores citados como essencial para um bom trabalho. Segundo o autor, o intérprete tende a crer que a platéia está ali para julgar o seu trabalho, e não para assistir a uma palestra ou comunicação. Muitas vezes, o companheiro de cabine, o concabino, inibe o trabalho do intérprete noviço com pequenas nuances de movimentos ou olhares. A sintonia entre concabinos, aliás, é citada pelo autor como um fator primordial para um bom trabalho na interpretação.

Em um novo Capítulo, o autor desconstrói alguns mitos acerca da profissão, mostrando, por exemplo, que a interpretação não resulta de um talento inato, mas que a excelência é adquirida com muito esforço e dedicação. É óbvia a necessidade de pleno domínio de pelo menos dois idiomas, mas, assim como na tradução, na interpretação ser bilíngue pode ser um problema, e não um facilitador. Apesar do falante bilíngue ter a seu favor a maior espontaneidade da fala, pelo fato de não ter passado por uma experiência de aquisição de outro idioma por esforço consciente, falta-lhe a "percepção de dois mundos que se tocam sem se invadir", que, segundo o autor, facilita o desenvolvimento de táticas de comunicação que faltam ao bilíngue, já que sua transição pelos dois idiomas é natural e inconsciente. Por outro lado, o autor reconhece que muitas vezes o conhecimento adquirido em institutos de idiomas não é suficiente, pois o que se ensina nestas instituições não espelha a língua falada pela população em geral. De certa maneira, o aprendizado deve ser complementado com o contato com a língua real, aquela utilizada naturalmente pelos falantes nativos.

Outro mito desconstruído por Magalhães é o de que a interpretação simultânea é mais difícil do que a consecutiva. O autor mostra a maestria exigida em ambas as técnicas, pontuando o que cada uma tem de quimérico. Defende o autor que a interpretação simultânea não é apenas "arte e improviso". Muito do sucesso de um trabalho simultâneo depende de preparação criteriosa, com leituras acerca do assunto, pesquisas na Internet, visitas a painéis expostos durante o congresso ou seminário e, idealmente, uma rápida conversa com o palestrante.

Com relação a erros, dos quais nenhum profissional escapa, Magalhães demonstra algumas maneiras de se portar em tais situações. A questão ética é mais uma vez lembrada, pois quando o intérprete inclui um "perdão" ou um "quero dizer" em sua fala, o público pode pensar que se trata do palestrante se corrigindo, e alguns intérpretes mais experientes se aproveitam disso, não esclarecendo uma eventual dúvida dos ouvintes.

Antes de concluir sua obra, Magalhães discorre brevemente sobre a relevância simbólica, para a profissão de intérprete, dos julgamentos de Nuremberg após a II Guerra Mundial. Como tudo indicava que os julgamentos seriam longos, a interpretação consecutiva foi considerada inadequada. Léon Dostert, intérprete do general Eisenhower, levou a cabo um projeto de tradução simultânea, para quatro línguas, pela primeira vez na história. Com um novo equipamento desenvolvido pela IBM, o público

pode acompanhar, simultaneamente, a acusação, defesa e veredicto dos criminosos da guerra em alemão, inglês, francês e russo.

No anexo de seu livro, Magalhães inclui, além do Manifesto dos Intérpretes do Brasil, já mencionado, um micro glossário com definições de termos ligados à interpretação, e dicas para palestrantes, que são algumas informações de como o palestrante pode auxiliar o intérprete em seu trabalho, buscando o melhor resultado possível.

Sua majestade, O Intérprete é um livro de agradável leitura, sem pretensões a um academicismo profundo. Fruto principalmente da experiência de seu autor, o livro indubitavelmente apresenta informações relevantes e proveitosas para quem se interessa pela profissão de intérprete. Ademais, a fluidez do texto e a graça das anedotas garantem uma leitura agradável e prazerosa.

Virgílio Pereira de Almeida é professor da Universidade Católica de Brasília, mestre em Educação pelo Framingham State College e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. (virgilio@ucb.br)